

A HISTÓRIA LITERÁRIA NO SÉCULO XXI

CARLOS MANUEL F. DA CUNHA

Universidade do Minho – Braga
carmel@ilch.uminho.pt

Abstract

In the XXI century, literary history follows two main trends: one the one hand, we have the comparative approach, using spatial models; on the other hand, we can observe the attempt to elaborate the history of the “world literature” (or global literature). In both cases, however, we lost “history” and “literature” (in the usual sense).

Keywords: comparative literature, literary history, spatial models, world literature,

Em 1970, René Wellek proclamou o “ocaso da história literária”, mas no século XXI esta disciplina parece longe de ter atingido o seu fim. Se o modelo da história das literaturas nacionais (“eurocêntrico”) parece ter entrado em declínio (Hutcheon, 2002), o mesmo não sucede com a história literária de um modo geral.

Esta reescrita da história da “literatura”, sob a designação de “cultura literária”, tem vindo a ser colocada em torno de três eixos:

- a) a recusa da narrativa teleológica da história literária oitocentista;
- b) a defesa de uma perspectiva transnacional (“the transnational turn”; Jay, 2010);
- c) a prevalência de um modelo espacial (“the spatial turn”), de pendor geográfico/topográfico, tanto em termos discursivos (a enciclopédia e o hipertexto como formatos), como nas suas formas de representação, constituindo uma espécie de “geografia literária”.

Esta renovação verifica-se quer em termos comparatistas,¹ quer numa lógica mundial/global.² Um exemplo notável é o modelo adoptado por Mário Valdés e Djelal Kadir em *Literary Cultures of Latin America: A Comparative History*. Esta “história” das “culturas literárias” da América latina consiste numa narrativa aberta, não linear/nacional, com referências cruzadas, como um hipertexto (começando de múltiplos pontos e forjando novas linhas narrativas), dando conta das descontinuidades e da complexidade do passado, sobretudo no plano da recepção, recorrendo a múltiplas sinopses e atribuindo ao leitor a responsabilidade da sua interpretação (Valdés, 2004a, p. 19; 2002, p. 70; 1999, p. 17).

1. Cf. Valdés & Kadir (2004); Cornis-Pope & Neubauer (2004, 2006, 2007, 2010); Cabo Aseguinolaza *et al.* (2010).

2. V.g. Moretti (1999 [1998]; 2008); Lindberg-Wada *et al.* (2006).

Os autores desta obra pretenderam registar a heterogeneidade cultural da América latina, as interações das suas principais culturas – ameríndia, europeia e africana –, na sua diversidade espacial, dando conta dos diversos discursos em circulação, numa perspectiva multidisciplinar (Valdés, 2004, p. xx). O seu objecto de estudo não é apenas a literatura, mas a “cultura literária” da região, a fim de descrever o seu “imaginário cultural”.

Há nesta orientação um propósito revisionista, uma vez que a América latina foi definida no passado de diversos modos e é uma construção cultural, como destaca Hervé Théry (2004, p. 3). De facto, é o único espaço continental cujo nome identifica a sua cultura (latina) e é a marca do poder imperial (Campuzano, 2004, p. xxxviii). Por isso, Mário Valdés e Linda Hutcheon referem que o *imperativo moral* que presidiu a este projecto foi o de mostrar, simultaneamente, a diversidade e a complexidade dos contextos culturais e os aspectos humanos que ligam os diferentes povos: “This is the moral imperative of a comparative literary history.” (Valdés & Hutcheon, 2004, p. xxx).

Para a elaboração deste modelo não-narrativo, Mario Valdés utilizou um conjunto de processos que têm na sua base a hermenêutica de Paul Ricoeur, como o conceito de pontos nodais:

- temporais (datas-chave, eventos centrais)
- topográficos (centros culturais, como as cidades com forte vida e influência na cultura literária)
- institucionais (escolas, academias)
- figurativos (o poeta como profeta, o nobre selvagem, etc.) (Valdés, 2002, p. 70).

Valdés centra-se também no conceito de história do grupo dos *Annales*, que a concebe como o resultado da dialéctica entre o presente e o passado e defende a necessidade de elaborar o contexto separadamente da narração dos eventos. Por isso, o primeiro volume da *Literary Cultures of Latin America* é dedicado ao estabelecimento desse contexto (*frame*) – geográfico, demográfico, linguístico e socioeconómico – procurando incluir uma pluralidade de vozes (normalmente excluídas) e de discursos, a nível transnacional (*literatura, cultura popular, cultura de massas, literatura de cordel, celebrações religiosas, carnaval, etc.*), no âmbito da escrita, da oralidade e das artes plásticas.

Em termos da redefinição do espaço, Valdés parte da noção de centros culturais, que possibilitam um desvio em relação à perspectiva dos territórios nacionais e à ideologia continental, num retorno às “fronteiras” do moderno mundo colonial, na medida em que foram estes centros que conduziram à formação de zonas transnacionais de interacção cultural (Valdés, 2002, p. 101).

O espaço, a ideia de uma “geografia literária” são dominantes na nova historiografia literária. Segundo Franco Moretti (1999, 2008), o objectivo é o de observar as representações do

Making the connection between geography and literature explicit, then – mapping it: because a map is precisely that, a connection made visible – will allow us to see some significant relationship that have so far escaped us. (Moretti, 1999, p. 3)

Por outro lado, a adopção de um modelo espacial (*topográfico*) nas novas histórias literárias articula-se de modo explícito com o postulado da sua capacidade de configuração de novos espaços literários e culturais, como sustenta, por exemplo, Mario Valdés: “Societies produce space as ‘territory’, as manifestation of culture.” (Valdés, 2002, p. 96).

Porém, a articulação entre o espaço e a história literária coloca vários problemas, dado que o próprio espaço e os mapas que o representam são o resultado de uma construção complexa e convencional, com a sua área, escala e tipo de projecção particulares (Ceserani, 2006). Como sublinha Endre Bojtár, as regiões dependem da perspectiva adoptada para a sua definição, o que revela, como afirma,

the impossibility of unequivocally defining a region. As the geographer Heinrich Schmittner write, geographical regions are like historical periods, for its impossible to find a single principle that would objectively divide them. (Bojtár, 2007, p. 210)

Outra grande questão que se coloca a esta história comparativa tem a ver com a organização discursiva adoptada na descrição das culturas literárias da vasta região de que se ocupa, uma vez que é abertamente contra o modelo narrativo da história literária tradicional. Por isso, o seu aspecto mais inovador reside no facto de optar por um modelo explicativo espacial (*geográfico/topográfico*), em detrimento do tempo cronológico da narrativa tradicional (*causal, organicista e teleológica*), recorrendo a uma organização discursiva de tipo hipertextual.

Mas a delimitação dos espaços implica um conjunto de opções complexas. Os problemas de uma história literária com uma perspectiva transnacional e transcultural são bem maiores do que aqueles que enfrenta a história literária tradicional, na medida em que é preciso dar conta de aspectos gerais e ao mesmo tempo das interacções particulares de cada literatura com a sua cultura (contextualização) (Nünning, 2006, pp. 42-44). Para além da selecção do material de análise, torna-se necessária uma equipa de especialistas e uma estrutura global bem conceptualizada, sem o que uma obra desta natureza não passará de uma colecção de ensaios de tipo enciclopédico sobre tópicos que podem ser ou não históricos e em que se evita deliberadamente a sequencialidade e a coerência.

Com efeito, as novas histórias literárias comparativas evitam uma história unificada e procuram localizar as culturas literárias em espaços heterogéneos, pelo que se lhes pode aplicar a acusação de não produzirem *história*. Segundo David Perkins, esta é uma questão central relativa à possibilidade da história literária enquanto disciplina e o grande dilema que enfrenta todo o historiador da literatura:

We must perceive a past age as relatively unified if we are to write literary history; we must perceive it as highly diverse if what we write is to represent it plausibly. (1992, p. 27)

É nestes termos, aliás, que David Perkins caracteriza a história literária pós-moderna, de que dá como exemplos a *Columbia Literary History of the United States* (1987), coordena-

nada por Emory Elliot *et al.*, e a *New History of French Literature* (1989), organizada por Denis Hollier. Segundo Perkins, este tipo de obras,

Because it aspires to reflect the past in its multiplicity and heterogeneity, it does not organize the past, and in this sense, it is not history. (1992, p. 60; cf. pp. 53-60)

No século XXI, destaca-se também a tendência para a elaboração de uma história literária à escala mundial, em grande parte como resultado da re-emergência do conceito de literatura mundial (*weltliteratur*) e como consequência do impulso gerado pela internacionalização do mercado literário (Gupta, 2009).

Nesta orientação para o global podemos distinguir duas grandes linhas condutoras:

- a) a que procura elaborar uma “história mundial” da literatura;
- b) a que busca a construção de uma história da “literatura mundial”.

Para além do problema relativo ao modelo de “história” a adoptar, a escrita de uma história da “literatura mundial” ou global, tem a primeira grande dificuldade na própria definição do conceito de “literatura mundial”, com as suas várias acepções e modalidades.³

Um dos seus destacados e polémicos defensores é Franco Moretti. No entanto, apesar de fazer a apologia de uma história da “literatura mundial”, Moretti não vai além da história da difusão do romance (canónico) europeu do XIX (Silvestre, 2006, p. 290). E como ninguém pode ter a pretensão de conhecer todas as obras literárias de todo o mundo e de todas as épocas, Moretti apresenta como solução a *distant reader*, que consiste numa renúncia à leitura dos textos literários, que se propõe conhecer através de leituras de segunda ou terceira mão, lendo as histórias nacionais da literatura já escritas e com base em estudos empírico-materialistas das formas literárias (Moretti, 2000, p. 57; cf. 2008, pp. 33-4, 127). Por tudo isto, as suas ideias são alvo de uma contestação generalizada, não obstante Moretti afirmar que este novo método é requerido pela dimensão da “literatura mundial”, que considera mais um problema do que um objecto:

and a problem that asks for a new critical method: and no one has even found a method by just reading more texts. (Moretti, 2000, p. 55)⁴

Se a contextualização é fundamental na história literária comparativa (no fundo, é a sua escala geográfica), o que se testemunha em Moretti e noutros defensores da “literatura

3. A ideia de *weltliteratur* de Goethe, enunciada em 1827, relacionada com a necessidade de uma perspectiva internacional do fenómeno literário (Guillén, 1985, pp. 54-7); toda a “literatura do mundo”; um cânone da literatura mundial; o estudo académico desta versões (Pettersson, 2008, pp. 469-7).

4. Para uma crítica aprofundada das ideias de Moretti, cf. Tanoukhi, 2008, pp. 599-600, 606-7, 614; Silvestre, 2006, pp. 288-293; Ferguson, 2008; Apter, 2008; Pettersson, 2008, pp. 471-3.

mundial” é o assumir de uma distanciação que arruina a própria lógica da “literatura mundial” (“*world literature*”)⁵

Mas entre estas duas grandes tendências da história literária do século XXI há um forte conflito. Segundo Gayatri Spivak, em a *Death of a Discipline* (2003), esta orientação para o global conduz à morte da “literatura comparada, apagando a polifonia literária do planeta:

a disciplinary politics of distant reading and the scopic ambitions of mapping the world’s literature and bringing it under Euro-U.S. rational control would be questioned. (Spivak, 2003, p. 30)

Por seu turno, Pascale Casanova, a famosa autora de *La République Mondiale des Lettres. Histoire structurale des revoltes et des révolutions littéraires* (1999), declarou numa entrevista (concedida em 2005 a Tiphaine Samoyault) que o pano de fundo da sua obra era a teoria pós-colonial e a “mundialização cultural” anglo-americanas:

c’est surtout aux États-Unis (et aussi en Angleterre à travers la *New Left Review*) que s’amorce un débat passionnant pour moi autour de la notion de *world literature*; [...] la question se pose désormais parmi les comparatistes de savoir si la *global literature* pourrait remplacer la *comparative literature*”. (apud Coste, 2005)

Falta indagar se nesta revivescência da história literária, se pode continuar a falar de história, de literatura e de história da literatura. Na realidade, trata-se das culturas literárias (não da literatura) e da “literatura mundial” (a que circula a nível global), que é um objecto diferente da(s) literatura(s) nacionais, ou da literatura como fenómeno autónomo (a literariedade). A história que se ocupa destes novos objectos recusa a narrativa cronológica e a temporalidade, afastando-se assim da articulação genética que liga a história à literatura, mediante a sua espacialização. O modelo comparativo, no seu afã regionalista e algo culturalista, não parece assim capaz de dar conta da “literatura”. Por seu turno, as histórias da literatura mundial constroem um novo objecto de estudo, precisamente a “literatura mundial”. A renovação da história da literatura no século XXI parece assim fazer-se à custa da “história” e da “literatura”.

Referências

- Apter, E. (2008). Untranslatable: A World System. *New Literary History*, 39(3), 581-598.
- Bojtár, E. (2007). Pitfalls in Writing a Regional Literary History of East-Central Europe. In: Cornis-Pope, M. & Neubauer, J. (Eds.), *History of the Literary Cultures of East-Central Europe: Junctures and Disjunctures in the 19th and 20th Centuries* (pp. 419-27). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Cabo Aseguinolaza, F., Abuín Gonzalez, A. & Domingez Prieto, D. (Eds.) (2010). *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

5. Cf. Tanoukhi, 2008, p. 614.

- Campuzano, L. (2004). For a More Inclusive Literary History of Latin America. In: Valdés, M. & Kadir, D. (Eds.), *Literary Cultures of Latin America: A Comparative History* (3 vols., Vol. I, pp. xxxvii-xlii). New York: Oxford University Press.
- Casanova, P. (1999). *La République Mondiale des Lettres*. Paris: Seuil.
- Cesarrini, Re. (2006). Drawing a Map of a Literary History of Europe. In: Lindberg-Wada, G. (Ed.), *Studying Transcultural Literary History* (pp. 169-79). Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Cornis-Pope, M. & Neubauer, J. (Eds.) (2004, 2006, 2007, 2010). *History of the Literary Cultures of East-Central Europe: Junctures and disjunctures in the 19th and 20th Centuries*, 4 vols. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Coste, D. (2005). Le Mondial de Littérature. *Acta Fabula*, 6(3) [<http://www.fabula.org/revue/document1096.php>; acedido em 17.03.2009].
- Elliot, E. et al. (1987). *Columbia Literary History of the United States*. New York: Columbia University Press.
- Ferguson, F. (2008). Planetary Literary History: The Place of the Text. *New literary history*, 39(3), 657-84.
- Guillén, C. (1985). *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*. Barcelona: Editorial Crítica.
- Gupta, S. (2009). *Globalization and Literature*. Cambridge: Polity Press.
- Hollier, D. (ed.) (1989). *A New History of French Literature*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press.
- Hutcheon, L. & Valdés, M. J. (Eds.) (2002). *Rethinking Literary History*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Hutcheon, L. (2002). Rethinking the National Model. In: Hutcheon, L. & Valdés, M. J. (Eds.) (2002), pp. 3-49.
- Jay, P. (2010). *Global Matters: The Transnational Turn in Literary Studies*, Ithaca, Cornell University Press.
- Lindberg-Wada, G. (ed.) (2006). *Studying Transcultural Literary History*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Lindberg-Wada, G., Pettersson, A., Pettersson, M. & Helgesson, S. (Eds.) (2006). *Literary History: Towards a Global Perspective*, 4 vols. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Moretti, F. (1999). *Atlas of the European Novel: 1800-1900*. London/New York: Verso [1998].
- Moretti, F. (2000). Conjectures on World Literature. *New Left Review*, 1, Jan.-Fev. [<http://www.newleftreview.org/NLR23503.shtml>; acedido em 15.06.2008], pp. 54-68.
- Moretti, F. (2003). More Conjectures. *New Left Review*, 20, Mar.-April [<http://www.newleftreview.org/NLR25402.shtml>; acedido em 15.06.2008], pp. 73-81.
- Moretti, F. (2006). Evolution, World-Systems, *Weltliteratur*. In: Lindberg-Wada, G. (Ed.) (2006), pp. 113-121.
- Moretti, F. (2008). *Graphes, Cartes et Arbres. Modèles abstraits our une autre histoire de la littérature*. Paris: Éditions Prairies Ordinaires.
- Nünning, V. (2006). A 'Culture-Sensitive Approach' to Transcultural Literary History. In: Lindberg-Wada, G. (Ed.) (2006), pp. 43-51.
- Perkins, D. (1992). *Is Literary History Possible ?* Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press.
- Pettersson, A. (2008). Transcultural Literary History: Beyond Constricting Notions of World Literature. *New literary history*, 39(3), 463-79.
- Silvestre, O. M. A. P. (2006). *Revisão e Nação. Os Limites Territoriais do Cânone Literário*. Dissertação de Douto-ramento em Teoria da Literatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [Documento electrónico – disco óptico CD-ROM].
- Spivak, G. C. (2003). *Death of a Discipline*. New York: Columbia University Press.

- Tanoukhi, N. (2008). The Scale of World Literature. *New Literary History*, 39(3), 599-617.
- Théry, H. (2004). The Formation of a Cultural Territory. In: Valdés, M. & Kadir, D. (Eds.) (2004), vol. I, pp. 3-17.
- Valdés, M. & Kadir, D. (Eds.) (2004). *Literary Cultures of Latin America: A Comparative History*. 3 vols. New York: Oxford University Press.
- Vladés, M. & Hutcheon, L. (2004). Rethinking Literary History – Comparatively. In: Valdés, M. & Kadir, D. (Eds.) (2004), pp. xxvii-xxx.
- Valdés, M. J. (1999). Postmodern Literary History or Reading History as a Hypertext. *Neohelicon*, 26(2), 11-17.
- Valdés, M. J. (2002). Rethinking the History of Literary History. In: Hucheson, L. & Valdés, M. J. (Eds.) (2002), pp. 63-115.
- Valdés, M. J. (2004). Beyond Literary History. In: Valdés, M. & Kadir, D. (Eds.) (2004), vol. I, pp. xvii-xxv.
- Valdés, M. J. (2004a). A modo de introducción: como se hace una historia literária comparada. Algunas observaciones teóricas. In: González A. A. & Varela, A. T. (Eds.) (2004), pp. 11-9.
- Wellek, R. (1983 [1982]). El ocaso de la historia literária. *Historia literaria. Problemas y conceptos* (seleção de Sérgio Beser) (pp. 245-60). Barcelona: Laia.

